**NARRATIVAS DA VIOLÊNCIA EM CHARGES**:

***O humor como arma social crítica e efeito moderador***

**Paulo Henrique Soares de Almeida[[1]](#footnote-1)**

**Célia Maria Ladeira Mota[[2]](#footnote-2)**

A charge do cartunista maranhense Raimundo Rucke, premiada no *Ranan Lurie Political Cartoon Awards* em2015, concurso promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), mostra um cachorro fugindo depois de farejar um jornal. O desenho é uma critica aos meios de comunicação e às linguagens que usam para veicular notícias violentas. As charges que examinamos neste artigo reacendem um debate antigo. Em 1970, a Unesco já promovia um simpósio para avaliar o impacto da violência nos meios de comunicação. Muito antes, em 1922, Barbosa Lima Sobrinho pedia tolerância para justificar a violência nas notícias diárias dos jornais da época.

Hoje, as narrativas sobre fatos violentos em jornais e telejornais reforçam o que se convencionou chamar de cultura da violência, “um fundamento de qualquer relação social”, segundo Maffesoli (1987). Para o sociólogo, o termo ‘violência’ é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere a lutas, conflitos e combates. Para o cidadão assustado dos dias atuais, o termo remete aos assaltos, assassinatos, roubos, feminicídios, acontecimentos que criam medo e insegurança. Mas como o tema violência é trabalhado nas charges, que tem como traço básico o humor? Que significados e efeitos de sentido são produzidos nessas imagens?

Para responder essas perguntas, este estudo pretende analisar três charges publicadas no jornal O Globo sobre a violência no Rio de Janeiro, bem como a ilustração premiada de Rucke. A metodologia tem como base teórica a Análise Crítica da Narrativa, conforme desenvolvida pelo pesquisador Luiz Gonzaga Motta (2013).

Do francês *charger,* que significa carga, carregar ou exagerar, a charge é “uma forma de representação pictórica de caráter burlesco e caricatural em que se satiriza um fato específico, tal qual uma ideia, situação ou pessoa, em geral de caráter político e do conhecimento público” (FONSECA, 1999, p. 26). Uma das práticas de construção de significados sobre os acontecimentos, consideramos a charge como um rico gênero argumentativo, uma ação retórica que revela as relações de poder, a posição do autor e o jogo de persuasão. Por meio de uma narrativa satírica e híbrida, que mistura elementos da realidade com o imaginário, ela se posiciona, fere, punge, denuncia e nos possibilita reflexões sobre um determinado tempo e representações, sejam elas políticas, econômicas ou sociais. Nela, é possível encontrar os mitos, fábulas, cultura, o modo de vida de uma sociedade e sua época. Ao narrar e representar um acontecimento, ela tende a destacar o estereótipo e o excessivo, permeando, normalmente, as figuras de linguagem como metáfora, ironia e hipérbole, produzindo efeitos de realidade e formas simbólicas que contribuem para moldar o imaginário coletivo sobre um país, cultura, organização e política.

Partindo desses conceitos, nossa hipótese é que, ao lado das notícias violentas, a charge engloba tanto a função de reflexão e crítica social, como também efeito moderador entre as notícias do dia a dia e a realidade. Se de um lado reforçam o sentido de uma sociedade ameaçada, essas imagens atuam, por sua vez, na introdução do humor como elemento libertador da sensação de impotência da coletividade diante dos problemas sociais.

**Palavras chave:** narrativa; violência; charge; humor.

**Referências**

FONSECA, Joaquim. *Caricatura*: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre, RS: Artes e ofícios, 1999.

MAFFESOLI, Michel.*Dinâmica da Violência***.** São Paulo: Vértice,1987.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa.* Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

1. Paulo Henrique Soares de Almeida é doutorando no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Trabalho orientado pela professora Célia Ladeira Mota [Pauloalmmeida@gmail.com]. [↑](#footnote-ref-1)
2. Célia Maria Ladeira Mota é Doutora em Comunicação, pesquisadora associada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. [cladmota@gmail.com]. [↑](#footnote-ref-2)